

Simonsen é contrário à renegociação da dívida

07 ABO 1982

Rio — O ex-ministro Mário Henrique Simonsen manifestou-se ontem contra a renegociação da dívida externa, afirmando que o Brasil precisa continuar apresentando bons projetos para obter recursos no exterior durante alguns anos ainda, embora a iniciativa privada tenha um espaço para crescer nessa área, numa proporção de 40 por cento para 60 por cento de empréstimos governamentais.

Simonsen também acha difícil que o Fundo Monetário Internacional venha a realizar alguma reunião muito importante no Rio de Janeiro para tratar da reforma do sistema financeiro internacional. Essa notícia ganhou corpo nos últimos dias em círculos governamentais, que afirmam que a reunião de rotina do comitê do FMI, a se realizar em janeiro, no Brasil, poderia ganhar importância no sentido de vir a ser uma nova Bretton Woods, reunião após a II Guerra Mundial, quando se estabeleceram as bases do atual Sistema Monetário Internacional.

Assessores do ministro Del- fim Netto acham que uma reunião do FMI no Brasil, capaz de se tornar um "forum" em que todas as nações pudessem debater a crise econômica mundial, com os reflexos na queda do comércio e crescentes dificuldades na área financeira, seria muito importante e oportuna. Nesse sentido, lembram a iniciativa do presidente Figueiredo, de falar na Assembléia Geral das Nações Unidas, como uma necessidade imperiosa que tem, hoje, o Brasil de dar seus recados e avisos à comunidade das nações para que sejam evitadas determinadas manobras que impeçam o crescimento e a expansão dos países emergentes.

ORDEM NA CASA

No entanto, o ministro Simonsen acha que a comunidade financeira internacional está longe de um acordo, ou imbuída do espírito de "colocar ordem na casa", mesmo diante da ameaça de inadimplência crescente de uma série de países latino-americanos, asiáticos e do leste europeu. Cita mesmo Simonsen a desavença havida há poucos dias entre o diretor da Reserva Federal norte-americana, Paul Volcker, e o diretor do FMI, De Larosiere, sobre empréstimos dos países em desenvolvimento.

Segundo relato do ex-minis-

tro, Volcker deu um alerta geral ao sistema bancário norte-americano, firmando que, se os bancos continuassem a emprestar para esses países, iriam apenas aumentar a perda, enquanto o diretor do FMI, De Larosiere, falava ao contrário, avisando aos bancos norte-americanos que, se parassem de emprestar aos países periféricos, haveria uma reação em cadeia de quebras e insolvências que arruinaria todo o Sistema Financeiro Internacional. Simonsen acha que, caso as autoridades norte-americanas resolvam adotar medidas que inibam os empréstimos para os países latinos, os bancos norte-americanos não as aprovariam e enviariam seus recursos para os bancos europeus repassarem a esses países. Por essa razão, acha o ex-ministro do Planejamento que o fluxo de recursos continuará à disposição dos países que apresentem bons projetos. Entretanto, a possibilidade do Sistema Financeiro Internacional sentar-se em torno de uma mesa para rever normas e procedimentos ainda é muito remota para Simonsen.

IDÉIA SUPÉRFLUA

Porto Alegre — O secretário-geral do Ministério do Planejamento, José Flávio Pécora, garantiu ontem que não há necessidade do Brasil reescalonar sua dívida externa, alegando que "é uma idéia absolutamente supérflua e desnecessária".

— Estamos administrando a dívida externa adequadamente e não há por que renegociá-la. Renegociar a dívida é algo muito mais complexo do que as pessoas afoitas imaginam que seja, acrescentou.

Quanto à inflação, Pécora afirmou que está sendo mantida a linha da política econômica, com "uma austeridade nos gastos públicos e uma política monetária rígida".

— No setor dos gastos públicos — comentou, temos feito com que o déficit global tenha caído progressivamente ao longo destes três últimos anos, o que certamente produzirá os resultados necessários na inflação. Estamos fazendo uma política monetária cautelosa, sem criar qualquer crise de liquidez adicional, o que deverá redundar em benefícios na taxa de inflação.

O secretário-geral da Seplan observou que "há uma retomada no desenvolvimento do país, de forma lenta mas segura".